

**Resenha:** HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. 2ª Edição Ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

Ana Flávia Costa Eccard<sup>1</sup>

Sociedade do cansaço é um ensaio que analisa a sociedade do século XXI, apontando suas principais características e identificando as diferenças com as outras sociedades. Este ensaio apresenta o sujeito de desempenho, considera as redes sociais, os avanços tecnológicos e destacando a era das doenças neuronais. O autor<sup>2</sup> pensa o sujeito do desempenho como o ser que exterminou a alteridade e vive em um meio positivo e sem diferenças, meio este imerso em uma sociedade capitalista que enfatiza a quantidade. Pode-se observar nesta obra que há uma aproximação das análises sociais de Foucault, Nietzsche e Deleuze, contudo Han não reproduz essas teorias, ele faz uma própria usando um método dicotômico de construção de escrita.

Esta obra está dividida em sete capítulos, a discussão se inicia em uma análise das formas de violência nos dias atuais, destarte percebe-se um afastamento do modelo imunológico, da construção do inimigo da sociedade da disciplina. Há um descolamento do problema, o qual não mais está no outro, mas no mesmo, é possível visualizar uma proximidade com a Sociedade do Controle no que tange a questão da diferença que nesse momento é cristalizada para ser um tipo de atração para turistas. Destaca-se uma sociedade que é vítima da sua própria superprodução e da sua busca pelo melhor empenho, uma sociedade do cansaço, depressiva, super exposta, conseqüências de um vazio da era digital.

O capítulo 1, com título de: A violência Neuronal o autor faz um percurso que nos apresenta o fim de um era bacteriológica, viral e a transformação para uma era das doenças neuronais, da mente. Apresenta neste capítulo o declínio de um tipo de violência, a saber, a violência viral demarcada por uma perspectiva patológica das enfermidades fundamentais que condicionam as relações sociais da época, com advento das técnicas imunológicas, antibióticos esta violência perde a força e com ela temos o declínio quase extermínio da alteridade. O esquema imunológico tem demarcado muito

<sup>1</sup> Doutoranda PPGFIL/UERJ e PPGD/UVA.

<sup>2</sup> Byung-Chul Han (Seul, 1959), filósofo sul coreano, estudioso da sociedade hiperconsumista e neoliberal depois da queda do Muro de Berlim. Escreveu outros títulos como: Sociedade da Transparência, Psicopolítica e A Expulsão, Agonia de Eros, No enxame, Sobre o poder, Aroma do Tempo etc.

claramente o que o compõe e o que é externo, temos a nítida divisão de dentro e fora, de amigo e inimigo, há estranheza como objeto e há ainda a necessidade de se defender de um ataque. A violência neuronal, desenvolvida pelo autor, não é provocada pela estranhezas daquilo que é diverso, é provocada pelo excesso de positividade, esta violência é marcada não mais por infecções, mais por pequenos enfartos, são doenças neuronais que tomam conta dessa época, como depressão, transtorno de personalidade limítrofe, Síndrome de Bounout, Hiperatividade entre outras.

A violência neuronal não é marcada pela alteridade, esta está ligada a uma construção interna, de subjetividade. A violência viral é marcada por negatividade da repressão que se contrapõe a sociedade atual da positividade, a prática de violência é resultado da superprodução, superdesempenho e da supercomunicação. A violência neuronal não é privativa, ela é saturante, trata-se de uma autoexploração, uma individualidade livre que está em colapso por não poder fracassar, uma eterna ambição de eficiência.

O segundo capítulo, chamado de “Além da Sociedade Disciplinar” nos apresenta um comparativo da Sociedade Disciplinar de Foucault e a prospectiva da sociedade atual, percebe-se um “para além” da tal sociedade, as disciplinas e controles gerados pelos hospitais, quartéis e fábricas dão espaços a positivities das academias fitness, prédios escritórios, bancos e shoppings. Há um deslocamento do sujeito de obediência para o sujeito do desempenho.

A analítica do poder de Foucault não dá mais conta de explicar essa sociedade, os muros das instituições que delimitavam os espaços entre normal e o anormal perdem o foco, a sociedade do controle é uma perspectiva de proibição, de negatividade, de repressão, a sociedade aqui configurada como de desempenho não possui tais coerções, seu espaço é do poder ilimitados, empresários de si mesmo, há uma desvinculação da negatividade, e uma ampliação dos espaços de possibilidades, tudo pode basta querer. A sociedade trabalhada por Foucault gera loucos e delinquentes com seus excessos de proibições, na sociedade trabalhada por Han temos depressivos e fracassados resultados de demandas incorporadas como necessárias e vitais.

Esse capítulo apresenta a mudança de paradigma, o inconsciente social transmuta-se do dever para o poder, a positividade do poder é, para este autor, mais

eficiente que a negatividade do dever, esta última uma característica da Sociedade Disciplinar. O sujeito de desempenho é mais produtivo que o sujeito da obediência que dada as proibições que vive acaba por não conseguir crescer e ficar bloqueado, observa-se que o sujeito do desempenho não é uma negativa do sujeito da obediência, trata-se de uma superação desse, o poder eleva o nível de produtividade que só acontece dado a técnica da disciplina.

Han usa nesse capítulo reflexões de Nietzsche e Alain Ehrenberg, o segundo para construção do conceito de depressão que é entendido como uma patologia do fracasso do homem pós-moderno, neste ponto vemos um alargamento da violência sistêmica que produz pequenos infarto psíquicos, dada a pressão de desempenho da responsabilidade própria e à iniciativa, há aqui um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho.

No terceiro capítulo denominado “O tédio profundo” observamos o autor construir uma crítica a sociedade atual partindo de filósofos como Benjamim, Paul Cézanne e Nietzsche. Sua crítica está calcada na atenção, aponta que a atual forma de se relacionar baseia-se no excesso de informações, estímulos e impulsos o que destrói a atenção, aponta ainda a falta de vida contemplativa e uma ênfase na multitarefa, apresentando o animal selvagem como exemplo, que graças a necessidade de sobrevivência está engajados em várias atividades não podendo se aprofundar, tem-se um atenção ampla e rasa. O autor aproxima as recentes evoluções sociais dadas por essa mudança na estrutura da atenção às vidas selvagens, adiciona ainda a baixa tolerância ao tédio na atualidade o que caracteriza a ausência de um processo criativo, diz o autor que a pura inquietação não gera nada de novo. Ainda que haja uma disputa por atenção nas redes sociais, esta é dispersa e rasa.

O capítulo 4 se preocupa com a “Vida activa”, através da leitura de Hanna Arendt e do conceito de *animal laborans* o autor constrói sua concepção da sociedade atual, que extingue com as formas de *vita activa*, as ligadas a produzir e a agir são resumidas ao trabalho. Aponta ainda que Arendt que entendeu na modernidade uma certa atividade heróica de todas as capacidades humanas se degenerar em uma passividade, da sociedade atual. O ponto é que o animal laborans de Arendt não representa o sujeito da sociedade do desempenho, pois este é provido de ego ao ponto de quase dilacerar-se.

O capítulo 5, intitulado de “Pedagogia do ver”, o autor aponta o que teria escapado na filosofia de Arendt e como Nietzsche dá conta, isto devido a vida contemplativa que pressupõe uma pedagogia do ver, uma tarefa que se apresenta pela necessidade dos educadores, segundo a qual é preciso aprender a ler, a pensar a falar e a escrever e para isso precisa-se de uma atenção profunda e contemplativa para essa forma de preparação do espírito. Trata-se de uma filosofia que revitaliza a vida contemplativa, que oferece resistência aos estímulos imediatos, opressivos e intrusos.

Importante se faz ressaltar que Han aponta para uma ilusão em acreditarmos que quanto mais ativos somos, mais livres seremos, ele destaca a capacidade de hesitar como uma forma de dar sentido a atividade e assim, caracteriza a atividade pura como algo pobre que apenas prolonga o existente. Através da distinção entre potências, Han constrói uma argumentação que valoriza a negatividade, que a coloca como criadora, como elemento essencial para a contemplação, ainda nesse sentido ele expõe que a hiperatividade característica da sociedade atual é uma forma vazia de ser, uma passividade de fazer, um desserviço a liberdade, uma positividade vazia.

O capítulo 6, “O caso Bartleby” apresenta um estudo de caso da sociedade da atualidade amplamente analisada pelo autor, uma literatura que apresenta os elementos principais de uma sociedade doente. Bartleby apresenta um esgotamento advindo de um processo de excesso de trabalho em um ambiente altamente hostil que apresenta o sujeito de desempenho em uma sociedade da superprodução. A narrativa expressa dados de melancolia e mau humor, os personagens sofrem com distúrbios neuróticos, psicossomáticos de uma superatividade, Bartleby não se enquadra nesse sentido, sua figura morre isolada, ele apresenta um além da sociedade disciplinar, mas com características de um sujeito de obediência, dizemos que se trata um além, pois ele se configura em uma situação sem expressão, monótono, ausente. Desta feita, o autor quer passar o entendimento que todos os esforços de vida levam a morte.

O último capítulo leva o nome do livro, trata-se de uma análise do desdobramento da sociedade do cansaço em uma sociedade do “doping cerebral”, isto é, um desempenho sem desempenho. É ainda neste capítulo que se vislumbra uma reflexão, a saber, a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos, isto devido a falta de negatividade do momento presente, este que não é mais imunológico e não trabalha mais com outro e sim com positividade, o

excesso da elevação do desempenho acaba por ocasionar um infarto da alma. Insta dizer que o cansaço da sociedade do desempenho é solitário, individualizado e isolado; não é o cansaço fundamental de Handke que habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno, um tipo de salvação, este cansaço suspende uma individualização egológica, desperta um compasso especial e leva um mútuo acordo. O cansaço do esgotamento não é de potência positiva, não é inspirador, não capacita, pelo contrario, incapacita para fazer qualquer coisa.

No anexo tem-se um fechamento que faz uma retomada a sociedade do esgotamento e suas distinções com a sociedade disciplinar a partir de um aporte teórico freudiano. Nesse capítulo vemos o endossar que a sociedade de hoje não é disciplinar, não é dotada de mandamentos e proibições, de repressão e imposição, isto é, não a negatividade das proibições. A sociedade do desempenho está desvinculada destas característica apresentadas, ela se organiza a partir da ideia de uma sociedade de liberdade, não é o dever que a define mas o poder hábil, o sujeito de desempenho neoliberal é um sujeito de afirmação.

O sujeito de desempenho não se submete ao trabalho compulsório, ele é sujeito de si, suas máximas não são obediência, cumprimento de dever, mas positividade, liberdade e boa vontade. É um empreendedor de si, não se vincula a outro, desta forma se desvincula da negatividade das ordens do outro. Contudo, a liberdade que este outro proporciona não resulta em emancipação e libertação, esta liberdade acaba por se transformar em novas coações de superprodução e disposição de vida, como se houvesse um alargamento das possibilidades e tudo se torna possível e desta forma não conseguir tudo seria um fracasso já que tudo está na ordem do esforço individual.

A reflexão permitida por essa obra diagnostica a atual sociedade, traça sua formação no para além do que veio anteriormente. Trata-se de uma análise da economia capitalista e como nos organizamos nela, não mais se vive, mas se sobrevive. Não temos inimigos externos, o conceito de alteridade é destruído, constrói-se o sujeito de desempenho que tudo pode, que em nome da liberdade se autoexplora, a liberdade evoca a coação a si mesmo, a pressão não vem do de fora, mas de si próprio gerando desta forma a depressão e outras doenças neuronais. O imperativo que se coloca é o eu posso e não mais o eu devo, não há negativades e resistência, o homem é sujeito de si e de suas escolhas, o que está em pauta é sua habilidade, ilimitada de poder se forjar. A

autoexploração é muito mais efetiva e caminha conectada a ideia de liberdade. Prolifera-se o sucesso, a saúde, culto ao perfeito, a era das positivities não possui nenhuma alternativa, é uma era de ditadura, os valores culturais cedem lugar ao valor expositivo e do mercado. Por fim, Han afirma: “Vivemos numa loja mercantil transparente, onde nós próprios, enquanto clientes transparentes, somos supervisionados e governados.”